

O ERÓTICO NA FOTOGRAFIA DE TEE CORINNE

VANESSA CRISTINA DIAS¹; CAROLINE LEAL BONILHA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – vanessacristinadias_@live.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso da graduação em Artes – licenciatura em 2021 pela UFPel, temática que está sendo ampliada no mestrado em Educação também na UFPel.

Em 1985, surgia o grupo de mulheres artistas denominado *Guerrilla Girls*, com denúncias contra uma hegemonia cis masculina e branca nos acervos dos principais museus mundiais. O grupo ainda é ativo e questiona tanto a falta de representatividade das mulheres, quanto às suas representações objetificadas, idealizadas e passivas, em obras de arte.

A representação da mulher na história da arte é um tema recorrente em pesquisas. A professora e pesquisadora Luciana Loponte (2002), denominou de “pedagogia visual do feminino” a problemática da naturalização e legitimação o corpo da mulher cis como objeto de contemplação e desejo, transformando esse modo de ver particular na única verdade possível, rotulando mulheres de diversas formas em obras de arte (LOPONTE, 2002, p. 283-284).

O apagamento de mulheres artistas na história da arte foi escancarado por Linda Nochlin, Griselda Pollock, Whitney Chadwick, Ana Paula Cavalcante Simioni, entre outras. Nesse sentido, a artista lésbica Tee Corinne (1943-2006), foi escondida em função do apagamento e invisibilização, que conforme a pesquisadora Lívia Auler explica, a mulher artista e lésbica pode ser considerada duplamente invisível na arte, pois:

[...] primeiramente por ser mulher e, ainda, por se relacionar afetiva e sexualmente com outras mulheres. Ela não está conectada, de diversas formas, aos homens e, por isso, pode ser condenada a uma enorme marginalidade. Apesar disso, são muitas as mulheres que se relacionavam com outras mulheres e, mesmo com poucos registros, algumas delas deixaram rastros – alguns mais explícitos e outro menos – que atualmente podem ser revistos e reinterpretados. (AULER, 2018, p. 128)

Temos em vigência a lógica heteronormativa, que presume primeiramente, a designação entre macho ou fêmea, assim que nascemos. E, que ao longo da vida, “implica em assumir o gênero feminino ou masculino”, e prevê ainda, a expressão do desejo pelo sexo/gênero oposto, que é a heterossexualidade compulsória, uma imposição que incorpora sexo, gênero e sexualidade (LOURO, 2007, p. 88).

A heteronormatividade, está imbricada com o pensamento normativo dominante ideológico da cultura ocidental, que coloca homem/mulher, cultura/natureza, corpo/mente, masculino/feminino, sujeito/objeto, heterossexual/homossexual, etc. em “dualismos de valor” (GAARD, 2011) que são “formas de organizar conceitualmente o mundo em termos binários distintos”, isto é, fica estabelecida uma relação de hierarquia e superioridade (GAARD, 2011, p. 199-200), na qual o homem está acima e em oposição a mulher excluída na inferioridade, por exemplo, e por isso, patriarcal.

A ecofeminista Greta Claire Gaard (2011), levanta o binarismo razão/erótico, para ela, o erótico não se refere “exclusivamente à sexualidade, mas também de forma mais geral à sensualidade, espontaneidade, paixão, alegria e estimulação prazerosa” (GAARD, 2011, p. 200). A definição de erótico levantada por Gaard expõe que no pensamento ocidental, o erótico é colocado como isolado e inferior a razão. Para ela, não se trata apenas da sexualidade ou ato sexual. Isto é, o erotismo pode ser ligado à sexualidade ou não. Assim como para Audre Lorde, respeitada escritora, feminista, negra e lésbica, que entende o erótico como “a personificação de amor em todos seus aspectos” (LORDE, 1984, p. 11). Para ela, o erotismo também tem relação com uma força vital, uma energia criativa, que se relaciona com a sexualidade, pensado na forma de prazer intelectual e físico (LORDE, 1984).

Não é em vão que existe a “erofobia”, “um medo do erótico tão forte que apenas uma forma de sexualidade é abertamente permitida; em apenas uma posição; e somente no contexto de certas sanções legais, religiosas e sociais” (GAARD, 2011, p. 202). A heterossexualidade normativa é um *locus* de opressão a todo sujeito que a nega em algum aspecto. Foucault, especulou sobre uma sociedade menos normatizadora. Em entrevista, ele nos dá pistas de que é possível produzir com o corpo, um outro erótico:

É preciso inventar com o corpo, com seus elementos, suas superfícies, seus volumes, suas densidades, um erotismo não disciplinar: o do corpo em estado volátil e difuso, com seus encontros ao acaso e seus prazeres não calculados. (FOUCAULT, 2009, p.370)

Dante dessas problemáticas, questiono de que modo a fotografia *Woman in wheelchair with other woman, kissing* de Tee Corinne perpassa um erótico feminista e não disciplinar?

2. METODOLOGIA

Para responder à pergunta, utilizo uma abordagem qualitativa a ser realizada por meio da leitura de uma fotografia (apenas uma em função do limite de páginas desse texto) da artista Tee Corinne, na qual a mesma traz certos corpos e a sexualidade lésbica. Dividi a leitura em 2 parágrafos, primeiro descrevo a imagem e depois faço a leitura subjetiva a partir do meu olhar feminista.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fotografia escolhida (Figura 1), intitulada *Woman in wheelchair with other woman, kissing* (1979), é uma das fotografias da estadunidense Tee Corinne, que foi uma artista que fazia uso da solarização em suas fotografias. Ela atribuiu à solarização um processo de preservação da identidade de suas modelos, por medo de repressão, já que a maior parte da sua produção foi feita durante a década de 70, época de efervescência de pautas que evolviu a homossexualidade e o feminismo, conhecida como a 2^a onda do feminismo. Seu tema principal eram basicamente, mulheres cis lésbicas e sua relação com o sexo e a sexualidade. A artista colocava o sexo como central para a identidade e comunidade lésbica, frequentemente trazia amantes da vida real e incluía mulheres cis gordas, velhas e negras. Procurou fazer imagens que pareciam estar ausentes no mundo ao seu redor.

Figura 1 – Tee Corinne, *Woman in wheelchair with other woman, kissing*, 1979.



Fonte: <http://www.broodthaers.us/index.php?id=210,320>

A obra *Woman in wheelchair with other woman, kissing* é uma fotografia análoga em formato vertical, de dimensões desconhecidas, colada em um papel cinza de dimensões também desconhecidas. Corinne, capturou duas mulheres se beijando, uma delas encontra-se em uma cadeira de rodas, a qual vemos toda a lateral de seu corpo. Da outra mulher, vemos apenas a uma parte de seu busto e de sua face. Apesar da fotografia solarizada, é possível identificar um beijo, a nudez. Um dos braços da mulher fora da cadeira de rodas está entre as pernas da parceira que encontra-se sentada na cadeira.

No beijo há a consumação do desejo entre as duas mulheres. Uma segura a cabeça da outra em uníssono. Me perpassão, por meio da fruição, sensação de devoramento e ao mesmo tempo de afeto entre as mulheres. O braço, mesmo que tímido pela solarização, é importante pois revela a vulva ativa da mulher cadeirante, contrariando o senso comum. Dessa forma, a imagem é emblemática, inundada em prazer e amor. Se faz importante abranger um erótico que não o da heterossexualidade compulsória, segundo Corinne: “A erótica lésbica é importante, se não por outro motivo, porque retrata mulheres que amam mulheres através da lente, caneta ou pincel da mulher que sabe e sente como é essa experiência” (AULER, 2020, p. 143 apud CORINNE; LAPIDUS, 1982, p. 14).

4. CONCLUSÕES

O erotismo se encontra justamente na intimidade, no prazer e no afeto. A obra de Corinne, subverte a imagem de que mulheres e pessoas com deficiência não são seres desejantes, nem possíveis de serem desejados. A subversão dos padrões de sexualidade, corpo, normatividade e esteriótipos, acontecem através da representação de duas mulheres lésbicas fora do padrão social de magreza e, do enfoque atípico em uma pessoa com deficiência. Sendo assim, a obras refletem para um erótico feminista e não disciplinar, pois há uma quebra das normas e da

lógica dos corpos, prazeres e sexualidades calculados. Em ambas as imagens não há passividade, as mulheres aparecem como sujeitas inteiras, que desejam e são desejadas.

Desta forma, pode-se admitir que Tee Corinne, atuou com uma prática artística feminista que produziu rupturas e deslocamentos no pensamento ocidental dualista binário e na lógica heteronormativa, na busca pela libertação sexual das mulheres lésbicas, por “reinventar o erotismo, construir novas formas de prazer, libertar o perverso, resgatar o desejo” (MORAES, 1984, p. 47). Tee Corinne marca um processo intenso de produção de uma subjetividade erótica, imbricando arte e vida.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULER, Lívia. Mulheres que amam mulheres: uma investigação na história das artes visuais. **Revista-Valise**, Porto Alegre, v. 8, n. 15, ano 8, p. 125-135, dez. 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/82880/52171>>. Acesso em: 19 ago. 2022.

AULER, Lívia. Tee Corinne e Barbara Hammer: sobre artistas lésbicas e o erotismo entre mulheres. In: Seminário Internacional Bienal 12. Anais: **Feminismo(s) visualidades, ações e afetos**. Fundação Bienal do Mercosul, Porto Alegre, RS, 2020, p. 141-147. Disponível em: <https://www.bienalmercosul.art.br/_files/ugd/af02ce_25e71233bb4b4c42877ad2ac1b95b75b.pdf>. Acesso em: 31 out 2021.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos III**. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Org.: Manoel Barros da Motta. 2 ed. p. 366-370. Rio de Janeiro: Forense Universitana, 2009.

GAARD, Greta. Claire. Rumo ao ecofeminismo queer. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 197-223, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000100015>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

LOPONTE, Luciana G. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 283-300, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 mar. 2022.

LORDE, Audre. Uses of the Erotic: The Erotic as Power. New York: The Crossing Press Feminist Series, p. 53-59, 1984. In: **Zine Textos escolhidos – Audre Lorde**. Editora Heretica. Disponível em: <<https://apoiamutua.milharal.org/files/2014/01/AUDRE-LORDE-leitura.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho - Ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 2.ed. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2007.

MORAES, Eliane R.; LAPEIZ, S. **O que é pornografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

STUBS, Roberta. TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. LESSA, Patrícia. Artivismo, estética feminista e produção de subjetividade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n238901>>. Acesso em: 13 out. 2021.